

O desencantamento do mundo em “Infância em Berlim por volta de 1900”, de Walter Benjamin

Cristiano Rodrigues Batista

UFMG

Resumo: Walter Benjamin fez análises importantes de algumas consequências da modernidade para a civilização. Ele não o fez somente através de ensaios e estudos que assumem variadas formas, também o fez através do texto ficcional “Infância em Berlim por volta de 1900.” Este trabalho faz uma breve aproximação da obra benjaminiana com o conceito de “desencantamento do mundo” de Max Weber.

Palavras-chave: Walter Benjamin. Desencantamento do mundo. Modernidade.

“Childhood is measured out by sounds and smells and sights, before the dark hour of reason grows.” – John Betjeman

Uma breve contextualização do “desencantamento do mundo”

O texto “Infância em Berlim por volta de 1900”,¹ de Walter Benjamin, traz alguns elementos importantes sobre a modernidade e suas consequências no homem daquele período, ou seja, do período que antecede à Primeira Guerra Mundial e de grandes mudanças no campo do progresso tecnológico-científico. O texto de Benjamin em questão é importante no sentido de representar significados históricos e psicológicos, físicos e afetivos, de um período na infância de uma criança qualquer e de representar também um pouco do movimento melancólico de olhar para um passado que o presente “desencantou.”

Neste trabalho, pretende-se passar brevemente pelo conceito de “desencantamento do mundo”, de Max Weber, pensar um pouco sobre as circunstâncias em que foi produzido e, é claro, trabalhar com o texto de Walter Benjamin utilizando alguns elementos do conceito weberiano. Por último, outros dois textos benjaminianos também serão aproximados do conceito de Weber.

Seria possível pensar também sobre os vários elementos externos indicando que a infância narrada em “Infância em Berlim por volta de 1900” poderia ser a do próprio filósofo berlinense: sua infância data da mesma época; elementos familiares similares; etc. No entanto, esta questão da proximidade da infância ficcional e autoral não será discutida aqui, pois não é essencial a este texto.

O período do fim do século XIX e início do XX é marcado por grandes descobertas científicas, o início das descobertas da psicanálise, uma implacável industrialização, a criação do cinema, do telefone, entre outras coisas que marcaram definitivamente a vida do ser humano. Era o tempo em que o mundo presenciava uma grande aceleração do progresso.

No campo da ciência, vale ressaltar que Max Weber faz importantes considerações acerca do processo da racionalização da existência, fenômeno descrito por ele aproximadamente em 1903, mas que se desenvolve com suas ideias ao longo dos anos seguintes e assume o papel de conceito essencial para pensar o homem e a sociedade a partir daquela época: “o desencantamento do mundo.”² Entender um pouco deste processo pelo qual o mundo, e principalmente a Europa, passava em torno de 1900 é indispensável para pensar sobre o texto benjaminiano em questão.

A sociedade passava, no referido período, por um momento em que os poderes ocultos, os elementos sobrenaturais, deixavam de ter sentido, pois a ciência, em princípio, poderia “controlar” os fenômenos que permeiam o mundo. O homem moderno se distanciava daquele que era arbitrariamente chamado de selvagem, e a principal diferença estava no fato do europeu racional, cada vez mais, não precisar recorrer aos poderes sobrenaturais para explicar alguns fenômenos da natureza ou eventos climáticos, por exemplo. Entretanto, muitas coisas passam a não fazer o menor sentido quando o elemento oculto deixa de existir, a partir deste “desencantamento.”

A intelectualização e a racionalização geral não significam, pois, um maior conhecimento geral das condições da vida, mas algo de muito diverso: o saber ou a crença em que, se alguém *simplesmente quisesse, poderia*, em qualquer momento, experimentar que, em princípio, não há poderes ocultos e imprevisíveis, que nela interferiram; que, pelo contrário, todas as coisas podem – em princípio – ser *dominadas* mediante o *cálculo*. Quer isto dizer: o desencantamento do mundo.³

Todo o progresso representava significativos avanços práticos e técnicos, mas talvez até agravasse algumas questões humanas, problemas relativos ao ser. Dentre estes, o principal, cada vez mais, era o relativo à morte. Mesmo com mais respostas para os fenômenos antes ocultos, vida e morte ainda carecem de sentido.

Weber, sobre toda esta carência de significado, usa Tolstói para dizer que com toda a racionalização o homem não mais morria “velho e saciado de vida”, “satisfeito”, mas somente “cansado de viver.” Se antes o homem possuía uma visão mística sobre diversos acontecimentos, agora, com tudo sendo explicado através de cálculos e de conceitos “indubitáveis”, o tempo gasto com os rituais que os poderes ocultos exigiam

passa a ser empregado no desenvolvimento do progresso, mesmo sabendo que existe “um progresso ulterior para lá do já conseguido; nenhum mortal pode chegar aos píncaros situados no infinito.”⁴ Com a certeza de não ser possível o alcance do progresso definitivo, torna-se possível somente, como já foi dito, morrer “cansado de viver.”

Freud, além dos resultados significativos dos estudos sobre a psicanálise, sobre o inconsciente, entre outras coisas, contribui para a análise das consequências da racionalização e, em termos gerais, do progresso. Seu estudo “O mal-estar na civilização”,⁵ de 1929, coloca dois pontos muito importantes para entender a sociedade – elementos, de certa forma, já trabalhados em seus estudos anteriores: primeiro, o fato do “princípio do prazer” ser o principal propósito da vida, o norte das vontades humanas; segundo, apesar de todo o progresso e do poder adquirido pelo homem para subjugar as forças da natureza, tudo isso não contribui em absolutamente nada no sentido de um possível aumento de seu prazer. Em outras palavras, o homem, apesar de todas as suas descobertas, de ter aumentado seu poder em relação ao restante da natureza e até de ter aumentado a mecanização do trabalho, diminuindo seu esforço, não é mais feliz do que era antes das mudanças advindas do progresso, pelo contrário, aliás: ele parece mais triste e melancólico.

O desencantamento do mundo em “Infância em Berlim por volta de 1900”

“Infância em Berlim por volta de 1900” é um texto composto de pequenas narrativas de acontecimentos esparsos de uma infância. Ao todo são quarenta e uma pequenas histórias que mostram, através de fatos cotidianos e interesses infantis banais, uma parte importante do processo histórico pelo qual passava Berlim e uma parte da Europa, além do significado desses fatos na vida de uma criança e de um adulto. O texto Benjaminiano, à exemplo de *Infância*,⁶ de Graciliano Ramos, é a revisitação de um adulto à sua vida infantil. O narrador reconstrói a perspectiva da criança para observar certos instantes mágicos de uma infância – mágico no sentido de proporcionar fascínio, e também por dar a impressão de inexplicável.

O narrador, pelo fato de executar um movimento de volta ao passado, apresenta-se possivelmente como um adulto – afinal de contas, o voltar ao passado pressupõe um presente. E este adulto que narra também é marcado por saber tudo o que se passou desde aqueles acontecimentos até o momento em que escreve. Um homem maduro que sabe muitas consequências daqueles momentos e devido, ao distanciamento espaço-

temporal, vai estetizar tais momentos. Este processo provoca uma lucidez triste, uma certeza de impossibilidades, uma consciência de que a passagem do tempo trouxe infinitamente mais dificuldades e tristezas à sua vida.

É importante salientar que o narrador não oferece o menor vestígio de querer estabelecer uma relação de causa e efeito entre acontecimentos pregressos e sua situação atual. Ele não parece buscar possíveis explicações para seus problemas presentes. Há simplesmente uma tentativa de reviver a magia infantil de outrora, uma volta à infância para reviver um pouco do tempo em que as novidades, que estão rodeadas de mágicas explicações, ainda proporcionavam alguns prazeres.

Já na primeira leitura, é possível perceber grande melancolia no processo de narrar a infância. Parece haver uma vontade de reviver alguns instantes daquele encantamento que o universo da criança possui. No entanto, aquele que conta a história tem plena consciência que só pode viver aquele momento passado em parte. Esta lucidez em relação ao movimento de tentar viver de novo o que já passou é um dos principais fatores responsáveis pelo tom melancólico que o narrador imprime às suas memórias.

Na primeira narrativa do texto de Benjamin, “Tiergarten”, o narrador vai falar sobre a arte de orientar-se e perder-se em uma cidade, Berlim, e de como ela se assemelha a um labirinto. Mas ele diz que “esta arte aprendi tardiamente.” No entanto, este não foi o primeiro labirinto de sua vida, mas o parque que também dá o nome à história. Havia toda a magia possível no movimento de explorar lugares e monumentos de Tiergarten. No final da pequena narrativa, quando a criança de outrora retorna ao parque depois de trinta anos, monumentos que antes participavam de sua fantasia, interagindo com o garoto, agora mal notavam sua presença. Recantos mágicos agora eram vistos como eram de fato, lugares como quaisquer outros.

Mas entre as cariátides e os atlantes, entre os querubins e as pomonas, que então me observavam, preferia agora os primeiros, aqueles empoeirados da estirpe dos guardiães dos umbrais, que protegem nossos passos pela vida afora e dentro de casa. Pois sabiam ser pacientes. E para eles era indiferente aguardar um estrangeiro, o retorno dos deuses antigos ou a criança que, de pasta, trinta anos atrás, passara sob seus pés.⁷

Outro ponto marcante em várias narrativas que compõem o texto, paradoxalmente, é a solidão que se oferece à criança por diversos momentos como a única companhia possível. Fato que, de certa maneira, pode ser posicionado em contraste à vida de um adulto numa grande cidade, mesmo levando em conta os

diversos caminhos que um adulto pode escolher. E essa solidão na infância, por si só, já mostra um pouco de dificuldade de lidar com a realidade que cerca a criança. Muitas brincadeiras da infância são solitárias, e em alguns momentos se configuram como um abandono, como é o caso de, entre outras histórias a já citada “Tiergarten”, “Caçando borboletas”, “A lontra”, “O despertar do sexo”, etc.

Esperava. Não que a chuva abrandasse. Mas sim que caísse cada vez mais torrencial. Ouvia-a tamborilar nos vidros da janela, afluir nas canaletas e cair gargalejante nas sarjetas. Naquela chuva boa, sentia-me totalmente protegido. E meu futuro vinha a meu encontro rumorejando à semelhança da cantiga de ninar entoada ao lado do berço.⁸

A solidão e o abandono funcionam como barreiras que protegem a criança em sua infância, como foi visto no trecho de “A lontra.” São como proteções contra as pessoas, da turba social moderna das grandes cidades, além de protegê-la contra o futuro. E, de certa maneira, é como se esta possível proteção da infância, não exista na vida do adulto que vive nas grandes cidades e que revisita suas memórias.

Em outra narrativa de “Infância em Berlim por volta de 1900”, “O telefone”, é possível observar como um objeto característico do progresso tecnológico, como o telefone pode carregar também uma magia que pode ocupar uma casa inteira. O barulho da campainha do telefone numa casa sempre marcada pelo antigo silêncio mostra uma perturbação que atinge além dos ouvidos, subverte uma ordem familiar e social. Simboliza a perda de uma ordem comum às coisas.

O barulho com que soava entre as duas e as quatro da tarde, quando um colega de classe ainda queria falar comigo, era um sinal de alarme que perturbava não só a sesta de meus pais, mas também a época da história universal, no curso da qual adormecem.⁹

É significativo também o relato “A febre”, depois que a criança começa a se reabilitar, ele novamente é tocado pelos acontecimentos da casa, só que o narrador distante da infância, agora, sabe muito mais que a criança de outros tempos. O progresso mostrou-lhe muitas coisas e o fez entender o porquê de muitas outras. Ao relatar o fato de sua melhora na doença é como se o narrador fizesse uma digressão para comentar um significado daquilo que antes não era conhecido, uma certa consciência de classe que a criança, possivelmente, não enxergava na época, conhecimento que talvez possa ser caracterizado como doloroso.

E certa manhã, após longo intervalo e com forças ainda reduzidas, deixava-me seduzir novamente pelo sacudir dos tapetes, cujo barulho subia pela janela e se gravava em meu coração infantil com mais profundidade que a voz da amada no coração do homem: *o sacudir dos tapetes, que era a língua da camada mais humilde, dos verdadeiros adultos, língua que nunca se*

*interrompia, que não se perdia em digressões [grifo nosso], que às vezes se concedia uma curta pausa, em que, morosa e amortecedora, se dispunha a tudo, para então se deixar ir de novo num golpe inexplicável, como alguém que corresse apressado antevendo a chuva.*¹⁰

Como se pode notar nos trechos citados e no restante do texto, é muito marcante a voz de um narrador que vive e interage com o progresso, que observa, apesar de grandes evoluções, um processo de crescente complexidade da vida. É um narrador que passou por um processo de “desencantamento” resultando em uma compreensão da realidade de uma forma que talvez ele mesmo nem gostaria. Ele narra o texto sabendo que agora entende muito mais a realidade do que no período da infância, mas que nada disso o deixou mais feliz. Ele ainda promove uma tentativa de reviver acontecimentos infantis, reviver um pouco do “encantamento” infantil, através do relato deste momento. Mesmo com todo o saber sobre os fenômenos da vida e as muitas explicações que antes eram desconhecidas, o narrador precisa voltar a sua própria infância, numa tentativa de reviver alguns instantes de alegria sem o peso da vida sem magia de um adulto.

“Infância em Berlim por volta de 1900” mostra um “desencantamento” individual por parte de um narrador que revisita sua infância, mas que no geral representa o “desencantar-se” coletivo de toda uma geração, o próprio “desencantamento do mundo.” Afinal, o que é narrado no texto pode ser estendido a um grande grupo de pessoas provenientes não só da época e não somente da cidade de Berlim.

Ao voltar a acontecimentos antigos, o narrador do texto constrói um mosaico de histórias marcado pela ordem supostamente caótica da memória. E como ele não pode suprimir todo o significado que a vida foi assumindo durante a sua existência – é como se ele utilizasse os óculos com lentes do presente para olhar o passado – alguns acontecimentos da infância ganham todo o peso e significação do presente.

Portanto, a melancolia marcada nas páginas do texto benjaminiano pode ser caracterizada como um resultado: deste peso do presente no passado, que não pode ser suprimido; pela consciência da impossibilidade de reviver, de fato, o “encantamento” que a fase da vida possui; e, utilizando a imagem do anjo da história que Benjamin concebe em “Sobre o conceito da História”,¹¹ é como se o narrador estivesse indo de costas em direção ao futuro, sem a possibilidade de voltar ao passado, pois há “uma tempestade que sopra do paraíso” e o empurra ao futuro, mas ele ainda assim enxerga todos os eventos da sua infância, porém não pode alcançá-los.

O desencantamento do mundo em outros textos benjaminianos

É impossível deixar de pensar, ao menos rapidamente, sobre o desencantamento do mundo em outros textos benjaminianos não ficcionais como, por exemplo, o já citado sobre as teses do conceito de História, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”¹² e “O narrador”,¹³ entre outros. Como últimas considerações deste trabalho, será feita uma breve alusão à presença de elementos do “desencantamento” weberiano em outros dois textos de Benjamin.

O texto sobre a reprodutibilidade técnica traz aquilo que seria o resultado do desencantamento do mundo causado pelo progresso atuando na obra de arte. Segundo Walter Benjamin, com as tecnologias que possibilitaram a reprodução das obras artísticas em grande escala, a obra de arte fica mais próxima e é superado o seu caráter único, causando a destruição da aura que acompanhava cada obra de arte. A exposição da obra, que estava próxima de um ritual individual, passa a significar uma exposição também em larga escala, contribuindo para uma existência não-aurática da obra artística. O fim da aura, sob certo aspecto, seria, pois, o resultado de um “desencantamento do mundo” refletindo-se na produção artística do ser humano.

“O narrador” é outro ensaio que apresenta características desse “desencantamento”, agora, na literatura, na sua produção e consumo. O texto trata da baixa do ato de narrar, que segundo Benjamin, dá-se por alguns motivos: o fim da experiência; a baixa da tradição oral nas narrativas; a evolução das forças produtivas; a própria reprodutibilidade técnica; a incapacidade de narrar que passou a acompanhar os sobreviventes da guerra; entre outros fatores. Tal baixa, ao observarmos algumas de suas causas, pode ser claramente relacionada também ao progresso e o “desencantamento” que ele produziu.

É indispensável dizer que os textos do autor de *Passagens* não se resumem aos resultados do “desencantamento” que o mundo sofreu. Seus textos vão muito além e discorrem com significativa lucidez sobre vários campos do conhecimento, o que justifica sua importância para as ciências em geral. E além de seus estudos inaugurarem olhares para assuntos antes ignorados, seus escritos, ficcionais ou não, possuem qualidades literárias.

Por fim, como se pôde observar, os textos de Walter Benjamin possuem grandes marcas do processo denominado por Max Weber como o “desencantamento do mundo.” Toda a obra benjaminiana é bastante marcada pelo período em que viveu, como normalmente acontece, mas para ele parecia essencial, talvez até uma obsessão,

entender profundamente o momento em que vivia. E é por isso que as consequências do progresso – dentre elas o desencantamento – estão muito presentes nos textos ficcionais e nos ensaios do autor.

Abstract: Walter Benjamin did some analysis of important consequences of modernity for civilization. He did not do it only in essays and studies that assume various forms, but also in the fictional text “Berlin childhood around 1900.” This paper is a brief approximation between Benjamin’s work and Max Weber’s concept of “disenchantment of the world.”

Keywords: Walter Benjamin. Disenchantment of the world. Modernity.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. Walter Benjamin 1892-1940. In: _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. *Rua de mão única* (Obras escolhidas v. 2). São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1994b.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo* (Obras escolhidas v. 3). São Paulo: Editora Brasiliense, 1994c.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1994d.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DUARTE, Rodrigo. O ‘desencantamento do mundo’ na Dialética do esclarecimento. In: NOBRE, Renarde freire (Org.). *Teoria e Sociedade* (Número especial: O pensamento de Max Weber e suas interlocuções), Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XXI).
- OTTE, Georg. *Infância em Berlim* – uma autobiografia anônima de Walter Benjamin. In: *Revista do CESP* (UFMG), v. 26, jan.-jun. 2006.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. As lições de literatura: o ensaio benjaminiano e a multiplicidade do saber. In: *Revista Critério*, v. 08.
- WEBER, Max. *A ciência como vocação*. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf. Acesso em: 26 de set. 2009.

Notas

¹ BENJAMIN. *Rua de mão única*.

² DUARTE. O 'desencantamento do mundo' na Dialética do esclarecimento; WEBER. A ciência como vocação.

³ WEBER. A ciência como vocação, p. 13.

⁴ WEBER. A ciência como vocação, p. 14.

⁵ FREUD. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*.

⁶ RAMOS. *Infância*.

⁷ BENJAMIN. *Rua de mão única*, p. 75.

⁸ BENJAMIN. *Rua de mão única*, p. 95.

⁹ BENJAMIN. *Rua de mão única*, p. 79-80.

¹⁰ BENJAMIN. *Rua de mão única*, p. 111.

¹¹ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*.

¹² BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*.

¹³ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*.